



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
HUMANO E EDUCAÇÃO ESCOLAR**

IVANILDO PEREIRA MARIANO

**INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA: VISÃO DE
DOCENTES SOBRE O PROCESSO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

IVANILDO PEREIRA MARIANO

**INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA: VISÃO DE
DOCENTES SOBRE O PROCESSO**

Monografia apresentada ao Curso de
Pós-graduação em Desenvolvimento
Humano e Educação Escolar
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção
do grau de Especialista.

ORIENTADOR: Prof. Me. Carlos Cirino

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M333i Mariano, Ivanildo Pereira.
Inclusão da criança autista na escola [manuscrito] : visão de docentes sobre o processo / Ivanildo Pereira Mariano. - 2017.
37 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Carlos da Siva Cirino, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Autismo. 2. Educação inclusiva. 3. Escola.

21. ed. CDD 371.94

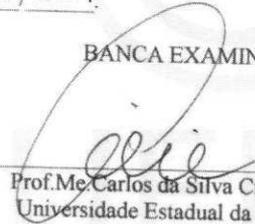
IVANILDO PEREIRA MARIANO

**INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA: VISÃO DE
DOCENTES SOBRE O PROCESSO**

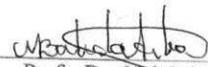
Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação Desenvolvimento Humano e Educação Escolar Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em: 01/12/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Carlos da Silva Cirino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Maria Da Graça Rodrigues Rasia
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Nelsânja Batista da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família que acreditou no meu sucesso, como também a minha querida esposa que me apoiou nas horas de dificuldades dando palavras de incentivo, além de todo o sentido e felicidade que ela trouxe para minha vida.

Amo todos vocês.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Jeová Deus, criador do céu e da terra que deu forças para eu conseguir concluir a minha pós- graduação em Desenvolvimento humano e educação Escolar.

A minha amada esposa Fátima Cândido, que me fortaleceu em momentos de carência e dificuldade.

Quero agradecer muitíssimo aos meus sogros e cunhados que estiveram presentes em momentos difíceis, fornecendo ajuda e atenção.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio e amor incondicional que demonstraram por mim.

Ao meu orientador Carlos Cirino, que me orientou e instruiu a concluir, concretizar essa valiosa pesquisa.

A Universidade Estadual da Paraíba e todos os seus funcionários, onde pude encontrar apoio e incentivo a pesquisa científica. Como também a minha turma da especialização 2016.1 pelos momentos de descontração e trabalhos realizados em equipe.

Em fim, a todos que torceram por mim, que pensaram no meu sucesso.

A todos, o meu sincero obrigado!

*Eu voltei meu coração
para conhecer, investigar e
procurar a sabedoria e a
razão por trás das coisas.
Eclesiastes 7:25.*

RESUMO

A pesquisa se propôs analisar como é o processo de inclusão das crianças autistas, no ambiente educacional. Partiu-se do pressuposto de que o educador pouco conhece sobre os transtornos de aprendizagem, especificamente quando se refere ao acolhimento institucional, aos processos e planejamentos didáticos, sobre recursos materiais, físicos e atividades sócia interativas. Acredita-se que fontes investigativas que reflitam sobre estas questões tornam-se importantes projetos inclusivos. Para dar conta deste trabalho utilizou-se os fundamentos dos seguintes autores: Bosa (2006), Togashi e Walter (2006), Losapio e Pondé (2008), Serra (2010), Santos e Santos (2012), Sanini e Bosa (2015), todos diretamente relacionados com a temática em questão. A proposta metodológica foi dividida em dois momentos: em uma pesquisa bibliográfica – primeira parte teórica e outra de campo, ambas de abordagem qualitativa. A pesquisa de campo foi realizada a partir de uma entrevista semiestruturada realizada com cinco professores e dois gestores, em escola pública, nos municípios de Cuité e Juazeirinho, Estado da Paraíba. Os principais resultados apontaram para o direito a educação de todos e uma necessidade de repensar um novo modelo de educação. Observamos, a partir da fala dos docentes, que há muito que fazer e que temos muitas instituições escolares que necessitam de apoio para as práticas de inclusão. Vencer as barreiras que são colocadas entre os alunos com algum tipo de deficiência física ou mental, torna-se emergente e tardio. Nas considerações finais salienta-se uma adequação de proposta de acolhimento, com práticas educativas que levem em consideração o interesse do educando, que a nosso ver são mais significativas no processo de aprendizagem.

Palavras- chave: Inclusão; Autismo; Professores; Escola.

ABSTRACT

The research aimed to analyze how is the process of inclusion of autistic children in the educational environment. It was assumed that the educator knows little about learning disorders, specifically when it comes to institutional reception, didactic processes and planning, material resources, physical resources and interactive social activities. It is believed that investigative sources that reflect on these issues become important inclusive projects. In order to account for this work, the following authors were used: Bosa (2006), Togashi and Walter (2006), Losapio and Pondé (2008), Serra (2010), Santos and Santos (2012), Sanini and Bosa), all directly related to the topic in question. The methodological proposal was divided in two moments: in a bibliographical research - first theoretical part and another of field, both of qualitative approach. Field research was carried out from a semi-structured interview conducted with five teachers and two managers, in a public school, in the municipalities of Cuité and Juazeirinho, State of Paraíba. The main results pointed to the right to education of all and a need to rethink a new model of education. We observed from the teachers' speech that there is a lot to do and that we have many school institutions that need support for inclusion practices. Overcoming the barriers that are placed among students with some kind of physical or mental disability becomes emergent and late. In the final considerations, we emphasize an adequacy of the host proposal, with educational practices that take into account the interest of the learner, which in our view are more significant in the learning process.

Keywords: Inclusion; Autism; Teachers; School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A CONCEPÇÃO DO AUTISMO – VÍNCULO E RELAÇÃO COM O TRABALHO DOCENTE, NA ESCOLA E FAMÍLIA.....	12
2.1	O processo de inclusão escolar.....	22
2.2	Exclusão escolar.....	24
2.3	Pesquisas e experiências sobre a demanda autista no ambiente educacional.....	26
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	27
3.1	Instrumento da pesquisa	28
3.2	Local da pesquisa.....	28
3.3	Processo de coleta.....	29
3.4	Processo de análise	29
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO.....	29
4.1	Perfis dos entrevistados.....	29
5.	DIFICULDADE DE INTERAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA E INCLUSÃO ESCOLAR.....	29
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
7.	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR DA ESCOLA PESQUISADA.....	
	APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O GESTOR DA ESCOLA PESQUISADA.....	

1. Introdução

Esta pesquisa teve como propósito investigar a dificuldade de aprendizagem a partir do diagnóstico do autismo. O autismo apesar de ser muito comentado entre as pessoas é pouco conhecido por parte dos educadores na questão de planos pedagógicos que incluam estes alunos na escola de forma que facilite a aprendizagem e ao mesmo tempo em que promova a interação com os colegas em sala de aula, buscando formar e ampliar laços sociais, fator relevante no processo de aprendizagem. A escolha do tema surgiu a partir do interesse em aprofundar o estudo em matéria de conhecimento. Acreditamos que o estudo mais específico poderá contribuir para ações didáticas e pedagógicas, principalmente, naquelas que tratam da mediação professor aluno. Segundo Bialer (2015, p.01);

[...] A possibilidade de o autista concretizar seu potencial educacional depende, todavia, da permeabilidade da escola para este saber não projetado, não controlado institucionalmente, podendo acolher esses vários saberes, ao contemplar a diversidade discursiva e a multiplicidade dos laços sociais nos quais se inserem os alunos, o que pode alicerçar uma construção democrática da tarefa educativa [...]

Percebe-se ainda mais a necessidade de promover uma reflexão acerca da concepção de como o educador atribui as demandas autistas, bem como da escola que tem papel de incluir todos socialmente. Ao receber alunos que trazem consigo o autismo, a escola precisa refletir sobre seu papel social de atender as necessidades destes, buscando políticas públicas que possam auxiliá-la, apoiando dessa forma o trabalho dos professores que não se sentirão sozinhos na missão de incluir o educando autista na prática escolar.

O problema da pesquisa foi de investigar como os educadores atuam na sala de aula com alunos que possuem dificuldade de aprendizagem e de como a escola debate com os docentes sobre o acolhimento destas demandas levando em consideração como as instituições governamentais e a legislação tratam deste processo. Teve como objetivo geral analisar o processo de inclusão de crianças autistas nas escolas dos municípios de Juazeirinho- PB e Cuité –PB. Especificamente analisou a realidade de professores e alunos que enfrentam o autismo buscou compreender o processo de ensino e aprendizagem; conhecer diferentes técnicas.

Para um melhor entendimento do tema, o presente estudo foi dividido em tópicos. Primeiramente a concepção do autismo – vínculo e relação com o trabalho docente, na escola e família, fornecendo uma discussão do trabalho de inclusão entre os professores. Este tópico está subdividido em duas partes: o processo de inclusão escolar, trazendo um novo olhar da inclusão na escola. Já no ponto seguinte aborda exclusão escolar e realidade social. Na metodologia apresentamos os instrumentos, local da pesquisa e processo de coleta. : Na análise e discussão dos resultados ressaltamos os perfis dos entrevistados, dificuldade de interação da criança autista e inclusão escolar. E por fim, as considerações finais.

2. A concepção do autismo – vínculo e relação com o trabalho docente, escola e família.

O autismo é definido como um transtorno de desenvolvimento que geralmente aparece nos três primeiros anos de vida comprometendo as habilidades de comunicação e interação social, comunicação verbal e não verbal restrito e repetitivo. Entretanto existem muitos conceitos que são vistos pelas diversas áreas da ciência como contraditórios não atendendo as expectativas de um autista, justificado pela natureza de cada área acadêmica, sua gênese, explicação e conceitos. Como declaram Santos e Santos (2012, p.02):

[...] No âmbito científico, o autismo é um conceito que assume sentidos diversos, por vezes contraditórios entre si, em função da abordagem teórica destinada a compreendê-lo. Os autores da vertente psiquiátrica o definem como uma desordem biológica, provocada por lesão cerebral; os teóricos cognitivistas defendem que o autismo é fruto de prejuízos nos módulos da mente, atualmente predominando a ideia de que o módulo encarregado da teoria da mente (que possibilita conjecturarmos sobre o que estaria se passando nas mentes dos outros) é que está danificado, no quadro autista. [...]

Desse modo, necessita-se refletir sobre o que é autismo, como podemos enquanto educadores contribuir com a nossa ação pedagógica de facilitar o avanço da aprendizagem destes no espaço escolar. É preciso repensar no fazer aprender, em como auxiliar na ação docente no processo de aprendizagem. Propõem Santos e Santos (2012, p.02):

Destaca-se a necessidade de pensar a escolarização de crianças autistas a partir da sondagem das *representações sociais do autismo* entre as pessoas envolvidas no cotidiano escolar, uma vez que as concepções desses atores sociais permitem entender a natureza e qualidade de suas intervenções. [...]

Elas precisam de espaço na escola - serem vistas como todas as outras crianças. Enquanto houver a ideia de que uma criança com necessidades especiais só será entendido por outra que tem o mesmo perfil, ficará difícil de mudarmos a realidade do autismo na escola, e assim não haverá direitos que são atribuídos a uma criança autista.

O papel do professor não é só transmitir conhecimento, mas também facilitar o aprendizado do educando, promovendo dessa forma um círculo de socialização. Porém, quando se trata de um aluno que necessite de um método mais avançado é necessário mais estudo e dedicação. Alega Bosa (2006, p.47):

Atualmente, o autismo é classificado como um transtorno invasivo do desenvolvimento que envolve graves dificuldades ao longo da vida nas habilidades sociais e comunicativas – além daquelas atribuídas ao atraso global do desenvolvimento – e também comportamentos e interesses limitados e repetitivos. [...]

Neste caso, a criança que tem um transtorno de socialização precisa ter acompanhamento especial, intervenções e apoio da família atendendo-se as suas necessidades. Sendo muito valorizada a ação do professor em sala de aula desde que o educador conheça bem a problemática, por que se não, poderia dificultar ainda mais os avanços. Para conseguir o objetivo de fazer com que o aluno com dificuldade de aprendizagem se desenvolva é necessário estímulo para levá-lo a um avanço social, levando em conta as habilidades e o grau de comprometimentos da criança. De acordo com Bosa (2006, p.48):

Crianças com grande déficit em sua habilidade de comunicação verbal podem requerer alguma forma de comunicação alternativa. A escolha apropriada do sistema depende das habilidades da criança e do grau de comprometimento. [...]

O professor deve ser um desafiador nos campos de conhecimentos, fazendo com que o aluno reaja e apresente respostas as suas perguntas. Isso deve acontecer não apenas com educando que tem menos necessidades de aprendizagens, mas com o aluno autista também. Dessa maneira a sua função comunicativa se desenvolverá mais rápido e terá

argumentos convincentes quando for desafiado em novas situações. Segundo Bosa (2006, p.49):

Alguns estudos demonstraram que os comportamentos desafiadores têm funções comunicativas importantes, que são: indicar a necessidade de auxílio ou atenção; escapar de situações ou atividades que causam sofrimento; obter objetos desejados; protestar contra eventos/atividades não-desejados; obter estimulação.[...]

O professor precisa continuar se capacitando e buscando novos conhecimentos para poder prover o suporte aos que carecem de uma ação mais significativa na instituição escolar ou em outros espaços. Nunca será demais a busca de novos conhecimentos, pois o estudo adquirido jamais será tirado do seu desenvolvimento cognitivo. O aluno com algum transtorno necessita estar matriculado bem cedo na escola, para que haja uma adaptação mais rápida tanto com os outros colegas como também com o espaço escolar. É importante salientar que discentes especiais necessitam de um acompanhamento com outros profissionais que auxiliem no trabalho dos professores. Como tem indicado Bosa (2006, p.50):

Há evidência de que prover educação formal de forma precoce, a partir dos dois aos quatro anos, aliada à integração de todos os profissionais envolvidos, é a abordagem terapêutica mais efetiva.[...] Essas estratégias auxiliam a minimizar ou evitar problemas comportamentais subsequentes, pois as crianças aprendem rapidamente que seus comportamentos podem servir como um meio para controlar o seu ambiente.

É relevante que a sala de aula não deve ser o único espaço para o desenvolvimento da criança autista, ao dispor de técnicas de intervenções para engajamento. Pode se utilizar piscinas deixando as crianças mais livres ou em grupos que envolvam outras da mesma faixa etária. Assim podemos dizer que há interação com outras crianças. Estas e outras técnicas tem revelado resultados mais positivos no processo. Declara Bosa (2006, p.50) :

[...] De toda forma, a interação carece de reciprocidade, já que as crianças com desenvolvimento típico têm que adaptar seu comportamento às crianças autistas de acordo com as diretrizes de outra pessoa (e.g. professor). Oferecer oportunidades (e.g. piscina, playground) para as crianças observarem ou interagirem espontaneamente (mesmo que com limitações) com outras crianças parece ser ainda a melhor estratégia.

As famílias que tem filhos com necessidades especiais, também precisam de ajuda para progredir socialmente mesmo que sejam avanços parcialmente pequenos. Estudos

constatarem que famílias que tem filhos especiais têm adquirido problemas psicológicos em um grande nível de estresse. Segundo Bosa (2006, p.51):

Um estudo investigando o papel da percepção do estresse parental e da depressão parental na intimidade marital entre pais de crianças com desenvolvimento atípico mostrou um resultado similar. Mães das crianças com autismo apresentam estresse e depressão significativamente mais elevados, além de intimidade marital menor do que as mães de crianças com desenvolvimento típico e mães de crianças com síndrome de Down.

Desta maneira, elas precisam de apoio e ajuda de profissionais da saúde para poderem ter forças e continuar lutando a favor de seus filhos autistas. Salientando que, as famílias tem necessidades diferentes. É preciso levar em conta os perfis de cada família para poder auxiliá-los da melhor forma possível, fornecendo técnicas de intervenção para os pais, além da conscientização da utilização de tratamentos eficazes para seus filhos. Certifica Bosa (2006, p.52)

Chamou-se a atenção para a importância de aconselhar os pais sobre as vantagens e desvantagens relativas a diferentes tratamentos. Ainda que seja importante não parecer tão pessimista, existe também a necessidade de demonstrar que os tratamentos diferem em seus fundamentos e que avaliações sistemáticas ainda têm que ser demonstradas para a maioria deles. [...]

A descrição minuciosa de uma criança autista é muito importante para poder tomar as medidas cabíveis em facilitar e avançar na aprendizagem. Porém não é uma tarefa fácil. Existem estudos e medidas que podem levar a uma avaliação mais precisa - de um comportamento que, de fato, possa ser diagnosticado como autista. Segundo Bosa (2006, p.52):

[...] No entanto, aos três anos de idade, as crianças tendem a preencher os critérios de autismo em uma variedade de medidas diagnósticas....] Atualmente, existem vários instrumentos que podem ser utilizados em crianças em diferentes estágios da vida, tais como: Checklist for Autism in Toddlers (CHAT); Pervasive Developmental Disorders Screening Test (PDDST); Screening Tool for Autism in two year old, Check list for Autism in Toddlers-23 (CHAT-23) e Modified Check list for Autism in Toddlers (M-CHAT).[...]

Para incluir uma criança autista na escola é necessário que haja conhecimento sobre o assunto, bem como políticas públicas para a escola e profissionais envolvidos, esta especificidade carece de ajuda técnica. Sendo assim, as políticas públicas do nosso

país, ainda precisam melhorar muito. Além de professores que promovem estudos e discussões sobre o assunto em questão. De acordo com Serra (2010, p.164):

[...] é importante verificar se a equipe pedagógica está devidamente preparada. As políticas públicas ainda precisam caminhar a passos largos para promover o atendimento educacional com qualidade garantindo a formação de professores que de fato permita uma intervenção pedagógica consistente.

Contudo, deve haver muito cuidado ao encaminhar alunos a serviços especiais, buscando diagnosticar algum transtorno psicológico, quando o educando não tem um bom rendimento escolar. O problema muitas vezes pode vir da didática do professor ou até mesmo da dificuldade que o educador tem em transmitir o conteúdo escolar. O aluno aprende de formas diferentes, exigindo que o educador se prepare bem para aulas buscando distintas metodologias de trabalho. Assegura Serra (2010, p.164):

[...] Quando o grupo não segue todo da mesma forma, obtendo o mesmo sucesso, é comum encontrarmos encaminhamentos de alunos à serviços especiais, ainda que na maioria das vezes, a causa da não-aprendizagem não resida exatamente no aluno.[...]

Acima de tudo, é imprescindível a observação do comportamento de cada aluno na sala de aula. Não pertence ao professor dá um diagnóstico se um educando é especial ou não. Mas o comportamento caracterizado por dificuldade de interação com os outros e ações repetitivas e comunicação restrita pode ser um parâmetro ou um fundamento para o diagnóstico. Segundo Serra (2010, p.165):

De acordo com a 10ª Classificação Internacional de Doenças (CID-10) de 1991, o autismo recebe a classificação F84-0, sendo considerado como um Transtorno Invasivos do Desenvolvimento anormal e comprometido, manifesto antes dos 3 anos de idade. O funcionamento anormal das habilidades da criança estaria relacionado a três áreas: interação social, comunicação e comportamento restrito e repetitivo.

O diagnóstico de uma criança com autismo se dá por meio de observação e análises clínicas, além dos acompanhamentos que se dá com os pais e pessoas que o auxiliam nas atividades desenvolvidas na escola e em casa. A orientação médica é buscar o diagnóstico mais rápido possível para a criança receber ajuda e poder desenvolver sua aprendizagem, e assim evoluir no quadro de sua atividade. Um dos instrumentos

utilizados são os questionários, temos como exemplo o M-Chat, como afirma Losapio e Pondé (2008, p.222):

O M-CHAT é uma escala de rastreamento que pode ser utilizada em todas as crianças durante visitas pediátricas, com objetivo de identificar traços de autismo em crianças de idade precoce. Os instrumentos de rastreio são úteis para avaliar pessoas que estão aparentemente bem, mas que apresentam alguma doença ou fator de risco para doença, diferentemente daquelas que não apresentam sintomas. A M-CHAT é extremamente simples e não precisa ser administrada por médicos.

Além do M-CHAT existem outros questionários que buscam trazer uma resposta sobre o diagnóstico de uma criança em relação ao autismo. O ADEC se mostra muito promissor, porém exige mais estudos antes de ser aplicados. Esses e outros questionários tem se mostrado muito eficiente, é claro que tem suas limitações. Os instrumentos de rastreamentos de doenças que a criança pode possuir se dá especialmente nas visitas pediátricas para tentar identificar os traços de autismo na idade de um ano e seis meses. Segundo Losapio e Pondé (2008, p.222):

A CHAT foi desenvolvida para identificar crianças com risco de autismo aos 18 meses de idade. Um estudo de 6 anos realizado no Reino Unido com mais de 16.000 crianças rastreadas com o CHAT aos 18 meses de idade demonstrou sensibilidade de apenas 0,40 e especificidade de 0,98, com valor preditivo positivo de 0,26.

Esses instrumentos de análises têm apresentado resultados positivos no diagnóstico de autismo. Vale salientar que são questionários que também tem margens de erros, contudo, têm facilitado profissionais da saúde e educação para constatar algum tipo de déficit de aprendizagem.

Existem muitos fatores para a escola incluir o aluno no espaço educacional. A comunidade escolar deve conhecer as características e habilidades de um autista. A estrutura física deve estar adequada às necessidades dos alunos especiais, como também é necessário um tutor para cada criança, para que haja um acompanhamento mais eficaz. Deve haver discussões na escola sobre o assunto e treinamento para professores e a equipe escolar. Já o gestor é preciso ser sensível em aceitar as novas possibilidades de inclusão e dar o devido apoio. Conforme Serra (2010, p.172):

[...] A questão que podemos e devemos levantar é se a escola representa para a criança especial, um espaço significativo de aprendizagem, e sendo a resposta positiva, podemos então afirmar que desenvolvemos práticas inclusivas.

A transformação dos conteúdos escolares para uma abordagem inclusiva tem constituído grandes resultados, contudo, quando há resistência e falta de interesse da parte dos professores para uma metodologia eficiente em incluir crianças especiais na sala de aula os resultados não são positivos.

A observação do professor na sala de aula é de suma importância, para identificar quais as necessidades do aluno a serem respeitadas e atendidas. Uma dessas práticas é instruir e antecipar bem cada questão antes do início da atividade com o aluno. Como afirma Sanini e Bosa (2015, p.178):

Algumas práticas que se mostraram úteis em seu trabalho, no ponto de vista da educadora, foram: antecipação da tarefa, a fim de preparar a criança para as mudanças que iriam ocorrer; e a repetição exaustiva das instruções nas situações em que um novo trabalho seria iniciado.

A criança que tem déficit de aprendizagem necessita de uma explicação mais detalhada por parte do professor, a fim de absorver bem as ideias. Existem comportamentos nessas crianças ao preferirem repetições e insistências em determinadas atividades. Diante dessa situação muitos educadores tiveram experiência em comum. Como alega Sanini e Bosa (2015, p.178):

A consequência são comportamentos rígidos e perseverativos. Na rotina em sala de aula este aspecto foi evidenciado, por exemplo, na insistência do aluno em fazer um único tipo de desenho, sempre da mesma forma e reagindo negativamente às tentativas da educadora de alterar esta situação.

Cabe ao educador adaptar as atividades destes alunos com o seu interesse trazendo um novo olhar para cada trabalho. Despertando o interesse e fornecendo subsídio ao processo de ensino e aprendizagem. Para conseguir resultados positivos é necessário o apoio especializado de uma equipe pedagógica que estude métodos inclusivos para uma didática que atenda as necessidades. Segundo Serra (2010, p.172):

[...] Até recentemente, somente os professores que possuíam um interesse pela Educação Especial é que se dirigiam para a formação específica e depois, obviamente, faziam escolhas profissionais que envolviam a Educação Especial. [...] As práticas pedagógicas eficazes e apropriadas às deficiências são imprescindíveis para a evolução dos alunos, e isso o professor só consegue planejar e desenvolver quando recebe o referencial teórico e a assessoria pedagógica adequados.[...]

O apoio da comunidade escolar para atender crianças que necessitam de atendimento especializado e o desenvolvimento de políticas públicas que incentivem programas de inclusão na escola é essencial, uma vez que, sem o incentivo de verbas que favoreçam a educação, os educadores ficam sem apoio para realizar suas atividades de formas favoráveis.

É preciso descobrir novos métodos de inclusão. E uma boa estratégia seria utilizar a internet e os softwares em um ambiente digital, para tentar despertar o interesse em crianças que tem dificuldades de interagir com outras pessoas. Ainda há pouquíssimas pesquisas sobre esta temática, sendo assim, a interação acontecerá não somente com os sujeitos inseridos no espaço social, mas também com os instrumentos aos quais estão ligados. De acordo com Passerino e Santarosa (2007, p.56):

Resumindo, a Interação Social é uma relação complexa que se desenvolve com a participação não somente dos sujeitos diretamente envolvidos, mas dos instrumentos de mediação inseridos no contexto sócio-cultural ao qual tais sujeitos pertencem. A interação evidencia-se principalmente pela linguagem, mas também pelas ações dos sujeitos no plano interpessoal e pelas significações atribuídas a todos os elementos da relação, pelos participantes no plano intrapessoal.[...]

O autista possui dificuldade de prestar atenção no que está sendo falado e discutido dessa forma o uso de tecnologias digitais pode contribuir no seu desenvolvimento quando as estratégias são bem estabelecidas pelo professor. É importante lembrar que os recursos tecnológicos estejam adaptáveis ao aluno com necessidades especiais. Desta maneira é vital a busca de novas estratégias que possam contribuir no desenvolvimento do autista, se apropriando de suas habilidades e trazendo novas possibilidades de aprendizagens ao educando. Segundo Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2014, p,119):

Tendo em vista os aspectos abordados, entende-se que as áreas de interação social, comunicação e comportamento se articulam intimamente no desenvolvimento humano desde a mais tenra idade. Considerando que os indivíduos com autismo apresentam prejuízos nessas áreas, cabe aos profissionais, que com eles trabalham, utilizarem estratégias que contemplem a aquisição de habilidades que são pré-requisitos para que outras se efetivem [...].

Há muita discussão sobre a ausência de interação da criança que possui autismo com outro sujeito, mesmo assim, não podemos concluir que as relações sociais seriam em

vão e o esforço de ter contato mais próximo seria desnecessário. Alguns estudos apontam que crianças autistas conseguiram certo avanço no seu desenvolvimento motor e cognitivo. Como alega Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2014, p.126):

[...] Compreender que os comportamentos das crianças com espectro autista podem ser influenciados considerando os contextos interativos, a mediação do adulto e, sobretudo, as particularidades de cada criança é fundamental no desenvolvimento de estudos nesta área. [...] Além desses aspectos, sugere-se a realização de estudos que considerem os comportamentos interacionais das crianças com autismo em termos de tempo de duração e não apenas de frequência, considerando que a baixa ocorrência não equivale à ausência desses comportamentos, mesmo porque muitos desses comportamentos ocorrem de forma breve, como o olhar, por exemplo.

Professores podem fazer uso de diversos métodos, com o objetivo do aluno autista compreender o conteúdo programado para a aula. Um desses métodos seria global, onde o aluno associa o vocábulo à ideia que ele representa. Segundo McDonnell Copeland (2011 apud Nunes e Walter 2016, p.625) “O método global de leitura é uma estratégia de ensino na qual a criança é instruída a associar um vocábulo (símbolo) com um item ou ideia que o representa”. Sabemos que o professor encontrará desafios neste método, mas o seu esforço levará o autista a avanços cognitivos, trabalhando a leitura por níveis de desenvolvimento da criança.

Estudos e pesquisas apontam que o método global que acontece na leitura silenciosa, tem conseguido resultados positivos em crianças que tem algum transtorno, fazendo com que muitos educadores utilizem desse método para uma educação inclusiva nas escolas. Como propõem Nunes e Walter (2016, p.627):

[...] os estudos acima descritos sugerem que tanto o método global como o fônico podem ser eficazes na aprendizagem de leitura de indivíduos com TEA. Conforme observado, o uso de outras estratégias interventivas associadas a esses métodos como o uso da fala interna ou o emprego de sistemas de comunicação alternativa mostram-se promissoras.

Vale a pena o professor pesquisador, buscar novas estratégias de ensino, onde muitos educando serão beneficiados com um método que aproxima das necessidades do aluno. É hora de pararmos de encontrar um culpado para os erros da educação e tomarmos a iniciativa e dar a nossa contribuição na educação. Visto que as práticas pedagógicas e o conhecimento de diversos professores têm estado longe da necessidade do educando. Segundo Nunes e Walter (2016, p.628):

O número de estudos publicados no Brasil sobre remediação de dificuldades de compreensão leitora são incipientes, inexistindo, na literatura nacional, programas interventivos de leitura voltados, especificamente, para populações com autismo. As pesquisas salientam, ainda, que o conhecimento dos professores sobre as práticas pedagógicas que possam atender às necessidades educacionais especiais dessa população é insuficiente.

É preciso refletir na nossa prática de aula, reexaminar os nossos conceitos e reinventar a didática aplicada. A escola do presente momento não é a mesma de anos anteriores. Isso indica que o educador deve buscar novos conhecimentos para atender as demandas de alunos na atualidade.

Embora se saiba a realidade da escola – trabalho difícil em vários aspectos – a inclusão necessita de apoio especializado, há necessidade de abraçar a causa dos alunos especiais. É indispensável um olhar reflexivo do comportamento dos alunos com necessidades especiais, fazendo sua parte. Uma turma com um aluno especial tem muito a ganhar em matéria de conhecimento, como também na interação entre eles. Como afirma Camargo e Bosa (2009, p. 68 apud TOGASHI WALTER, 2016, p.352): “Proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo”.

Ainda surge outra questão, há comunicação entre a turma e aluno especial devido o estranhamento da diferença ou a novidade de se ter uns alunos com necessidades especiais? Se não, então deve tomar algumas estratégias para que haja fala entre eles. Desta maneira todos sentirão incluídos e que ser diferente faz parte da sociedade. Segundo Togashi e Walter (2016, p.364):

A ausência da fala ou a fala não funcional, bastante presente em sujeitos com TEA, em ambiente escolar pode ser um fator que dificulte a interação com os seus colegas e demais pessoas do ciclo social, inferindo diretamente no processo de inclusão. Daí a importância de se encontrar mecanismos alternativos que facilitem e proporcionem a sua comunicação, quebrando ou diminuindo a lacuna do aluno com TEA e seus possíveis interlocutores.

Portanto ainda carece de professores preparados para atender alunos especiais. Para isso acontecer é preciso de formações continuadas que atualize conhecimentos trazendo um olhar para uma educação inclusiva, além de propostas pedagógicas que se aproximem das necessidades do aluno, como também interesse da parte de gestores e governantes com uma escola que se adapte ao educando.

2.1 O processo de Inclusão Escolar

Com a política de inclusão as crianças portadoras de alguma deficiência possuem o direito a escola regular. As escolas sabem que é lei a aceitação destes públicos então não se pode negar vagas. Mesmo não tendo recursos ou profissionais com formação adequada, esta não pode posicionar-se contrária a inclusão. No artigo 4º da LDB, inciso III está explícito que o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência deve ser, preferencialmente, na rede regular de ensino” (LDB, 1996). As escolas mostram-se favoráveis, mas ao invés de incluir acabam excluindo-as do processo de aprendizagem.

A proposta de elaboração de um sistema educacional inclusivo na realidade brasileira apresenta-se auxiliada por leis e princípios teóricos baseados em ideais democráticos de igualdade, diversidade. Mas, as práticas inclusivas se distanciam das proposições teóricas. As crianças com deficiência enfrentam dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e na socialização com as demais, muitas são vítimas de preconceito e até o próprio professor desacredita na aprendizagem destas, tentam uma, duas vezes, e não sabem como ensinar determinado conteúdo.

A escola de ensino regular em algumas situações acaba excluindo o aluno. Pois tentam retirá-lo quando não conseguem ter resultados positivos. A criança precisa estar na escola como também ter contato com as demais, se socializando, interagindo. A perspectiva de inclusão deve ser vista não só no ambiente educacional como também no social. Falar de inclusão nos remete a exclusão, tendo em vista que parte da população fica marginalizada.

É nesse momento histórico em que “tudo parece estar impregnado do seu contrário” que é preciso falar dos avanços conquistados, mas também da exclusão gerada; da necessidade de bom atendimento escolar para todos, incluindo os indivíduos com deficiências; da necessidade da igualdade e da desigualdade ser tratada com diferença, e das dificuldades que isso engendra. (BARROCO, 2005, p.164)

A Educação Inclusiva está relacionada à implementação de políticas públicas e ao entendimento de que a inclusão não se refere só ao professor e aluno, mas também ao

princípio de educação para todos e valorização das diferenças - abrange toda a comunidade escolar.

Os Profissionais da educação devem discutir sobre a importância de uma boa formação acadêmica, além do acompanhamento dos educadores facilitando a inclusão de alunos com alguma dificuldade de aprendizagem. Como também deve haver avaliações do trabalho destes profissionais na escola. De acordo com Dalben (2009, p.67):

[...] construiu-se a partir de princípios e de eixos norteadores, pretendendo fazer frente e se opor a uma ordem político-pedagógica tradicionalmente existente. Supunha alterações radicais nos processos de organização dos tempos e espaços escolares, nos processos de avaliação e propôs os ciclos de formação como base da articulação do conjunto dos processos educativos.

Tendo este olhar reflexivo é preciso valorizar uma boa formação que possa contribuir na prática educativa possibilitando a inclusão de educando que estão no ambiente escolar. Sem esquecer a importância do respeito à identidade do aluno, as suas habilidades e o contexto social. Partir de uma prática pedagógica, mediando o aluno alcançar um nível de aprendizado com uma metodologia que possa favorecer a inclusão e o aprendizado. Conforme Dalben (2009, p.69):

[...] com a criação e organização de atividades de ensino e aprendizagem adequadas e de interesse dos alunos, vislumbrando sempre o respeito às identidades, às diferenças e às condições socioculturais dos estudantes. Ao lado dessa postura docente, constrói-se um olhar pedagógico relativo ao acompanhamento do desenvolvimento de cada um, num processo contínuo de reconhecimento das possibilidades e habilidades de conhecimento desses estudantes.

Para incluir um aluno com déficits de aprendizagem é preciso reinventar atividades que possam atender as necessidades do aluno. Com essa ação poderá alcançar mudar de nível do estado inicial para o final. É de suma importância levar em conta o interesse do aluno e adaptar ao conteúdo escolar, e assim ganhar em matéria de conhecimento. Como declara Dalben (2009, p.69):

[...] a percepção do professor para momentos importantes de intervenções pedagógicas, criando atividades interessantes, sendo capaz de explorar situações significativas de aprendizagem. Assim, o ato educativo não se limita à informação e ao corpo de conteúdos específicos predefinidos pela escola, mas envolve processos relativos à formação global do aluno. Esse processo "estruturante" de aprendizagem enfatiza a associação entre o conteúdo escolar, conteúdos relacionados a habilidades, valores e atitudes sociais relacionadas à

idade de formação e os conteúdos sociais relativos às vivências próprias dos estudantes.

A partir de uma aula bem planejada pensando no educando e em suas necessidades a atividade se tornará mais interessante e participativa, além de construir o aprendizado junto com o aluno, mediando o conhecimento e respeitando as fases de crescimento de cada criança.

2.2. Exclusão escolar

A exclusão pode contribuir muito para evasão escolar, seja por o educando não possuir o mesmo perfil da condição social que outros da turma tenham, ou por não acompanhar a metodologia que o professor utiliza na sua prática educacional, fazendo com que ele sintasse diferente, causando um mal estar de está inserido com estes sujeitos. A diferença se dá por meio da diversidade existente na sociedade, que não é algo ruim, mas é algo que tem contribuído para uma riqueza em conhecimento e favorecido a aprendizagem de cada indivíduo, e para haver certa harmonia entre os sujeitos, parece surgir uma necessidade de depender da aceitação do outro. De acordo com Rodrigues (2006, p.30):

Assim, “diversidade” se parece muito mais com a palavra “diferente”, anteriormente mencionada como ideia mais ou menos modesta da “diferença”. Ademais, lembremos que a “diversidade” em educação nasce com a ideia de (nosso) respeito, aceitação, reconhecimento e tolerância para com o outro. E isto é particularmente problemático: a diversidade, o outro, os outros assim pensados, parecem depender da nossa aceitação, do nosso respeito, para ser aquilo que já são, aquilo que já estão sendo. [...]

Para o professor incluir o aluno nas atividades em aulas seria bom primeiro ouvir suas dificuldades de aprendizagens, para poder descobrir o método mais eficaz e fazer um trabalho em equipe com toda a comunidade escolar para ajudá-lo no seu desenvolvimento intelectual, ter o cuidado de não aplicar as mesmas atividades para todos os alunos, mas fazer atividades diferenciadas visto que cada um tem suas necessidades, isto quer dizer que são únicos, como também tentar conhecer todo contexto histórico do educando e desta forma tornará sua didática mais eficiente. Como propõem Rodrigues (2006, p.32):

Se o (a) professor (a) se dispusesse a me ouvir, eu lhe diria que não há mudança educativa nem sentido amplo, significativo, sem um movimento da comunidade educativa que lhe outorgue sentidos e sensibilidades. Quer

pensar que as mudanças se resolvam fora desse contexto é uma falácia, uma impostura cultural. Não se trata de esforços pessoais, de atitudes filantrópicas, benéficas. O (a) professor (a), na sua vontade de incluir o outro, não deveria se perder nos labirintos dos nomes, das técnicas e dos saberes inventados. Eu lhe diria que se aproxime das experiências que são dos outros, mas não reduza na mesmice egocêntrica e hegemônica da educação. [...]

Para acontecer a inclusão na escola, e diminuir a evasão escolar, é preciso seguir um novo modelo de escola e modificar a escola tradicional, a fim de atender as necessidades do alunado. Na busca de novos conhecimentos, os educadores no papel de mediadores do conhecimento necessitam de uma formação especializada. Como declara Rodrigues (2006, p.59):

Sem dúvida, a proposta de uma escola inclusiva supõe uma verdadeira revolução nos sistemas tradicionais de formação docente, geral ou especial. Um sistema unificado de ensino nos obrigaria a abandonar esta clássica separação, para buscar uma integração entre os conhecimentos provenientes de ambos os sistemas. Para tanto, a formação do docente de educação tem de ser especializada para atender a diversidade do alunado, recomendando a inclusão de disciplinas ou conteúdos afins, nos diferentes cursos de formação [...]

Com base na teoria do capitalismo, aqueles sujeitos que são excluídos da sociedade se dão por meio do poder capital, ou seja, quem não for consumidor o bastante é excluído do convívio social. Entretanto quem tem conhecimento poderá agir diferente, pois a escola tem a função de transformar o sujeito e dar a oportunidade aos indivíduos de conquistar seus direitos, com um pensamento reflexivo, e por este motivo é papel da escola tornar os alunos em sujeitos ativos na sociedade. Certifica Rodrigues (2006, p.71):

O que pretendemos com o nosso argumento é pôr em causa a ideia segundo a inclusão deve se desenvolver com base na lógica de que quem não é consumidor é excluído. De fato, é com base na diferença, e não na homogeneização (promovida quer pela Igreja, quer pelo Estado, quer ainda pelo mercado), que se pode encontrar uma alternativa para o desenvolvimento de uma sociedade eventualmente mais inclusiva. [...]

Para diagnosticar o problema que leva a exclusão escolar é importante primeiro observar os fatos ocorridos na sala de aula junto com contexto histórico de cada aluno para depois poder tomar uma ação significativa, cujo plano de ação seria criar um ambiente favorável, com o objetivo destes educando-os sentirem-se bem na turma, e buscarmos responder perguntas tais como que tipo de educação se deseja? Que processo eles preferem? A fim de por em prática uma política de pedagógica.

2.3 Experiências sobre a demanda autista no ambiente educacional.

A inclusão de crianças autistas não é tarefa fácil, por isso é preciso estudar bem o caso. Caso além de buscar novos conhecimentos para entender o que se passa em uma sala de aula na busca de incluir o educando que tem dificuldades na aprendizagem. Por estas razões deve aplicar práticas educativas especiais que atinjam o real interesse do aluno. Como declara Luz, Lira e Gomes (2017, p.129):

O autismo, assim como a educação inclusiva, reúne um número considerável de publicações, contudo, o número de trabalhos envolvendo crianças autistas ainda carece de maiores aprofundamentos.

A tarefa educacional requer esforço dos professores pesquisadores, visando facilitar o aprendizado por meio da reinvenção da ação pedagógica e utilização de novos métodos com o intuito de enriquecer o exercício do saber.

O trabalho do educador com crianças que tem dificuldade de aprendizagem requer atenção e paciência para executar atividades repetitivas que exigem na ação pedagógica. Segundo Luz, Lira e Gomes (2017, p.130):

[...] No processo de inclusão, é preciso cuidado com a rejeição da criança que pode ter uma crise de comportamento. Assim, a relação professor aluno destaca-se como uma base de controle, segurança e confiança [...].

Para um trabalho mais produtivo com as crianças com déficits de aprendizagem é preciso haver parceria com a família, estimulando o desenvolvimento da criança que necessita de um acompanhamento diferenciado para desenvolvimento cognitivo. Como assegura Luz, Lira e Gomes (2017, p.140):

[...] verificou-se que há fragilidades não apenas no que se refere à formação e prática docente, mas no despreparo e não aceitação dos pais e também na escola como um todo, que «transfere» a responsabilidade para a professora e não subsidia também a sua formação, não favorecem o processo de inclusão.

O trabalho de inclusão do autista na escola envolve todos da comunidade escolar incluindo gestores, professores e as famílias dos alunos, além do apoio financeiro dos órgãos públicos competentes que facilitem o trabalho de todos os envolvidos no processo educacional.

3. Metodologia da pesquisa

A pesquisa foi de cunho qualitativo, com base em entrevistas com professores e gestores da educação infantil e do ensino fundamental. O contato foi de face a face, levando em conta a observação da prática docente, além de ouvir relatos de experiências desses profissionais na escola, buscou-se entender como professores e gestores tentam atender as necessidades da criança autista na instituição escolar.

Foram cinco professores e dois gestores escolares. Os professores entrevistados têm formações em Pedagogia e pós-graduação em Educação Infantil, Supervisão Escolar e Ensino e Aprendizagem. A escolha dos professores entrevistados foi devido à experiência com crianças autistas e gestores que tiveram a oportunidade de trabalhar com alunos com alguma dificuldade de aprendizagem que estão inseridos na escola. Os gestores entrevistados têm formação em Pedagogia e Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Supervisão Escolar.

3.1 Instrumentos da pesquisa

O instrumento foi construído a partir de um roteiro semiestruturado onde constam cinco questionamentos feitos aos docentes. Para os gestores foram construídas três questões. Ainda constaram alguns dados sócios demográficos.

A entrevista é uma ação que o entrevistador utiliza para buscar respostas de suas indagações e analisar as partes mais simples até as mais complexas, permitindo assim fazer julgamentos mediante as informações apuradas e uni-las à teoria estudada sendo atribuído a autores que defendem ou não o tema em discussão. Segundo Lüdke e André (1986, p.34):

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário [...]

3.2 Local da pesquisa

A pesquisa aconteceu em uma escola pública do município de Juazeirinho -PB e duas escolas do município de Cuité – PB. O município de Juazeirinho está localizado na Microrregião do Seridó Oriental Paraibano. De acordo com estimativa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2016, sua população é de 18.061 habitantes. Possui área territorial de 467,523 km² e densidade demográfica de 35,88 hab/km² no ano de 2010. Situado a 209 km da capital João Pessoa, a 84 km de Campina Grande, a 93 km de Patos. O município de Cuité está localizado na microrregião do Curimataú Ocidental paraibano. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2017 sua população era estimada em 20.348 habitantes. Apresenta área territorial de 741,840 km². O município é sede da 4^a Região Geo-administrativa do estado da Paraíba (IBGE, 2017).

3.3 Processo de coleta

As entrevistas ocorreram entre os períodos de 15 de julho de 2016 a 18 de outubro de 2017. As respostas de cada questionamento foram anotadas em um registro de campo para análise posterior. O tempo para cada entrevista durou em média entre trinta e cinquenta minutos. Em um segundo momento realizou-se observação da metodologia desenvolvida pelos professores que atuam em salas de recursos atendendo alunos autistas. Todo o processo de coleta ocorreu de forma individual no ambiente escolar.

3.4 Processos de Análise

Os dados foram organizados e separados a partir das falas de cada participante diante ao que foi questionado. Dessa forma, Bardin (1977, p.45) enfatiza que “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre os quais se

debruça [...] é uma busca de outras realidades através das mensagens. Nessa perspectiva, procuramos interpretar o que o entrevistado quis enfatizar na sua fala”.

4. Apresentação e discussão dos resultados

4.1 Perfis dos entrevistados

Os professores apresentam faixa etária entre 35 e 40 anos, com experiência em educação infantil e ensino fundamental, além de educação inclusiva, com tempo de 10 a 15 anos de serviços. Já os gestores apresentaram entre 40 e 50 anos com tempo de serviço de 4 anos de gestão e 10 anos com experiência na sala de aula.

5. Dificuldade de interação da criança autista e inclusão escolar

A dificuldade de interação da criança é algo bem comum. Diante desta problemática destacamos as seguintes falas:

❖ *Quais dificuldades que o professor enfrenta ao tentar incluir um aluno autista nas suas aulas?*

As dificuldades de interação é muito comum entre a criança autista, por isso usamos jogos, computador, blocos lógicos ou algo que eles tem interesse, mesmo assim é muito difícil. Até com o professor leva um bom tempo para eles se afeiçoarem ou confiar no professor. Por que eles não reagem, vai depender muito do grau de autismo que cada criança possuem. (Professora A)

A dificuldade de interagir com outros é bem comum. Mas quando trabalham atividades que atendam o seu interesse os resultados tendem a ser mais positivos (Professor B)

Tenho trabalhado jogos de letras e números, blocos lógicos e pinturas para tentar despertar o interesse nas atividades. (Professor C)

É necessário pesquisar para entender uma criança autista. E buscar novos métodos para inclui-lo na escola. (Professor D)

É notável quando uma criança autista não consegue interagir com as demais. Portanto é preciso ter um novo olhar para esta criança. (Professor E)

Os alunos autistas tem dificuldade de conversar com outros alunos. Porém quando colocados como a turma eles reagem bem as atividades propostas (Gestor A)

O autismo dificulta a interação. Mais ao mesmo tempo quando se pensa nas atividades que o aluno podem fazer tem um rendimento melhor. (Gestor B)

Diante do perfil dos alunos com dificuldade de aprendizagem os professores tentaram buscar atividades que despertassem interesse, além de continuar pesquisando novos métodos para auxiliar na aprendizagem destes. Vale a pena salientar que é necessário que se pense em políticas publicas para dar apoio a gestores e professores nos métodos de inclusão na escola e não sintam sozinhos, na missão de uma escola inclusiva.

Imprescindível lembrar que as realidades dos professores enfrentadas nas escolas é bem difícil. Espaços físicos longe de um espaço adequado para uma criança especial. Salas com um número de alunos muito além da quantidade que deveria ter. Levando em contas todas essas realidades é preciso se repensar que tipo de educação desejamos para agora e para o futuro.

Deste modo é necessário refletir sobre o acolhimento e permanência, observando bem suas necessidades como um indivíduo de direitos, como afirma a legislação e assim compreender as barreiras passadas por aluno com necessidades especiais. Assegura Togashi e Walter, (2016):

Pensando nas barreiras que os alunos do público-alvo da Educação Especial podem encontrar ao ingressarem em uma escola regular de ensino, deve-se refletir acerca dos indivíduos que apresentam dificuldades de interagir socialmente e de se comunicar, além de apresentarem também comportamentos inadequados, características presentes nos indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). (TOGASHI E WALTER, 2016, p.1).

Diante de uma criança autista na escola foram feitas as seguintes perguntas aos gestores escolares e destacadas as seguintes falas:

- ❖ *O que a instituição tem feito para incluir crianças autistas ou com deficiências físicas na escola?*
- ❖ *E como as outras crianças reagem ao notar que há crianças com algum tipo de deficiência?*

Foram criadas rampas na escola, portas adequadas, banheiros que são específicos para uma criança deficiente físico e transportes para cadeirantes. Além de professores capacitados, como também na escola há sempre eventos que trazem como tema: A inclusão. Em relação com a reação da outras crianças especiais, elas reagem muito bem há uma boa aceitação. (Gestor A)

Hoje as escolas tentam se adaptar as necessidades das crianças especiais. Mas ainda há muito que fazer. É preciso de formação para os professores atender melhor as crianças buscando facilitar a aprendizagem dos alunos. (Gestor B)

Nas reuniões de planejamentos entre professores e a comunidade escolar, foi interrogado se há métodos com o objetivo de incluí-los na escola e vencer barreiras com a dificuldade de aprendizagem. Obtivemos as seguintes respostas:

❖ *Nas reuniões com os professores com o objetivo de planejar as aulas na escola se discute a métodos mais eficientes a fim de desenvolver a aprendizagem dos educandos e incluí-los na escola?*

Na nossa escola há bastantes diálogos entre professores e pais de alunos. Nossa reunião de planejamentos pensou atender as necessidades, porém o desafio é muito grande (Gestor A)

Quando nos reunimos temos esse olhar. Se discute muito sobre quem é aluno. E como podemos ajudá-los. Sabemos também que o aluno autista precisa de um olhar mais especial, devido suas necessidades. (Gestor B)

Primeiro a gente discute qual o interesse do aluno e em seguida adaptarmos a atividade ao educando. Assim conseguimos melhores resultados (Professor A)

Nas reuniões de planejamento procuramos estudar o educando e depois pensar que atividades aplicar. Acredito que assim se saímos melhor em ajudá-los na sua aprendizagem .(Professor B)

Quando dividimos experiências com outros educadores, conseguimos aprimorar nossa prática educativa. E incluí-los os alunos autista na escola (Professor C)

Muitas vezes me sinto incapaz devido os educando terem tantas necessidades então pode-los ajudá-los. Por isso é necessário estudar bem para entender o que é necessário para incluí-lo na escola (Professor D)

As discursões ainda não suficientes, é preciso buscar mais conhecimento, pois carecemos de um estudo mais detalhado sobre esta questão. (Professor E)

A educação deve buscar atender as necessidades do aluno especial, porém precisa-se pensar sobre quem são estes alunos e quais são os seus interesses para haver adaptações na prática pedagógica, deve-se refletir a respeito dos métodos usados nas salas de aulas para incluí-los nas escolas. Propõem Mariussi, Gisi e Eyng (2016, p.444):

A educação em direitos humanos favorece a inclusão de alunos com deficiências ao propiciar uma reflexão sobre os direitos de cada estudante. Questiona-se, no entanto, se existe equidade no atendimento ao direito às pessoas com deficiência, pois embora se observem avanços do aparato legal, não significa que a legislação tenha conseguido alterar a prática no cotidiano das escolas para pessoas com deficiência.

O direito a educação deve ser dado a todos que fazem parte da sociedade. É preciso repensar no modelo de educação que queremos para o futuro. Há muito que fazer, visto que temos muitas instituições escolares que necessitam de apoio para desenvolver atividades de inclusão, vencer as barreiras que são colocadas entre os alunos com algum tipo de deficiência física ou mental.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs analisar o processo de inclusão de alunos autistas em escolas públicas dos municípios de Juazeirinho – PB e Cuité- PB, buscando entender a realidade do professor e as dificuldades ao lidar com crianças que tem algum tipo de deficiência e assim fazer o possível para incluí-las na escola. Para que o trabalho não se limitasse apenas ao registro bibliográfico, foram realizadas entrevistas para expandir o conhecimento detectado. Foi percebido que o professor precisa de apoio de toda comunidade escolar, para que o mesmo possa fazer um trabalho melhor com crianças autistas.

Há necessidade de um estudo mais rigoroso e aprofundado para rever a metodologia aplicada que realmente inclua a criança autista da melhor forma possível na escola. E, tentar entender o aluno autista, sem partir para impaciência de um professor cansado de um ensino tradicional.

De acordo com os dados levantados na pesquisa e diante das falas dos professores e gestores, observou-se conhecer primeiro o que é melhor para o aluno especial e seus interesses e em seguida, adequar os conteúdos buscando soluções mais significativa no aprendizado. É um grande desafio para gestores e professores que carecem de políticas públicas que atuem na instituição escolar trazendo benefícios para todos.

Portanto é preciso garantir o direito a uma escola inclusiva que abrace o aluno autista e crianças com algum tipo de deficiência tornando-os indivíduos incluídos e valorizados na sociedade.

7. REFERÊNCIA

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 37.

BARROCO, S. M. S. **Psicologia e Educação**. Rio de Janeiro. Vozes. 2005.

BIALER, M. **A inclusão escolar nas autobiografias autistas**. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. v.19, n. 3, 2015, p. 485-492.2015.

BOSA, C. A. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Revista Brasileira Psiquiatria. v. 28 (Supl I): p.47-53. 2006.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 454 p. – (Série textos básicos; n. 67)

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]. – 7. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 44 p. – (Série legislação; n. 95).

DALBEN, Â. I. L. F. **Os ciclos de formação como alternativa para a inclusão escolar**. Revista Brasileira de Educação. v. 14, n. 40, 2009.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em:> <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=250770&idtema=16&search=paraiba|juazeirinho|sintese-das-informacoes>. Acesso em 25/11/2017.

LEMOS, E. L. M. D.; SALOMAO, N. M. R.; AGRIPINO-RAMOS, C. S. **Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar**. Revista Brasileira de Educação Especial. v. 20, n.1, pp.117-130,2014.

LOSAPIO M. F.; PONDÉ, M. P. **Tradução para o português da escala M-CHAT para rastreamento precoce de autismo.** Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul. v. 30, n.3, Porto Alegre. 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, M. H. S.; LIRA, A.; GOMES, C. A. **Narrativas sobre a inclusão de uma criança autista: desafios à prática docente.** Educación. v. 26, n.50, p. 123-142, 2017.

MARIUSSI, M. I.; GISI, M. L.; EYNG, A. M. **A Escola como Espaço para Efetivação dos Direitos Humanos das Pessoas com Deficiência.** Revista Brasileira de Educação Especial. v. 22, n.3, pp.443-454. 2016.

NUNES, D. R. P.; WALTER, E. C. **Processos de Leitura em Educandos com Autismo: um Estudo de Revisão.** Revista Brasileira de Educação Especial. v. 22, n.4, pp.619-632. 2016.

PASSERINO, L. M.; SANTAROSA, L. C. M. **Interação social no autismo em ambientes digitais de aprendizagem.** Psicologia: Reflexão e Crítica. v. 20, n.1, pp.54-64. 2007.

RODRIGUES, D. **Inclusão e educação.** Dose olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo Ed. Summus, p. 59-71. 2006.

SANINI, C.; BOSA, C. A. **Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora.** Estudos de Psicologia. Natal. v. 20, n.3, pp.173-183. 2015.

SANTOS, M. A.; SANTOS, M. F. S. **Representações sociais de professores sobre o autismo infantil.** Psicologia e Sociedade; v.24, n.2, p.364-372, 2012.

SERRA, D. **Sobre a inclusão de alunos com autismo na escola regular. quando o campo é quem escolhe a teoria.** Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 1 n. 2, p. 163-176. 2010.

TOGASHI, C. M.; WALTER, C. C. F. As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo. Revista Brasileira de Educação Especial. v.22, n.3, pp.351-366.2016.

Apêndice A

Roteiro de entrevista com o professor da escola pesquisada

1- Identificação:

Nome:

Idade: () Menos de 30 anos () entre 31-40 () menos de 50 () mais de 50 ()

Sexo () Masculino () Feminino

2- Escolaridade:

3- Cursando curso superior () Qual?

Tem alguma formação() Qual? () Especialização () Mestrado () Doutorado

4- Experiência profissional:

4.1. Atua como professor na rede regular?

4.2. Qual a didática utilizada para incluir a criança autista na sala de aula?

4.3. Como as outras crianças reagem com uma criança que tem algum tipo de deficiência na escola?

4.4. Quais dificuldades que o professor enfrenta ao tentar incluir um aluno autista nas suas aulas?

4.5. Há diálogos entre professores e toda comunidade escolar em facilitar a inclusão da criança autista na escola?

4.6. Nas reuniões com os professores com o objetivo de planejar as aulas na escola se discute a métodos mais eficientes a fim de desenvolver a aprendizagem dos educandos e incluí-los na escola?

Apêndice B

Roteiro de entrevista com o gestor da escola pesquisada

1- Identificação:

Nome:

Idade: Menos de 30 anos entre 31-40 menos de 50 mais de 50

Sexo Masculino Feminino

2- Escolaridade:

Cursando curso superior Qual?

Tem alguma formação Qual? Especialização Mestrado Doutorado

3-Experiência profissional:

3.1. Atua como professor na rede regular?

4. O que a escola tem feito para incluir crianças com tipo de deficiência (mental ou física)?

4.1 Quais os problemas que a escola enfrenta para atender alunos com necessidades especiais?

4.2 Como a escola em geral (comunidade escolar) reage ao observar que na escola possui alunos especiais?

4.3. Como as outras crianças reagem com uma criança que tem algum tipo de deficiência na escola?

4.4. Quais dificuldades que o professor enfrenta ao tentar incluir um aluno autista nas suas aulas?

4.5. Há diálogos entre professores e toda comunidade escolar em facilitar a inclusão da criança autista na escola?

4.6. Nas reuniões com os professores com o objetivo de planejar as aulas na escola se discute a métodos mais eficientes a fim de desenvolver a aprendizagem dos educandos e inclui-los na escola?